

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANDRÉ DE SOUZA SILVA

BULLYING E O AMBIENTE ESCOLAR

**Aracaju SE
2019**

ANDRÉ DE SOUZA SILVA

BULLYING E O AMBIENTE ESCOLAR

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do Grau de licenciatura Plena em Pedagogia

Orientador: Professora. Dra. Maria Auxiliadora Santos

**Aracaju SE
2019**

S586b SILVA, André de Souza
Bullying e o ambiente escolar / André de Souza

Silva. – Aracaju, 2019.

41f.

Orientador: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos.

Artigo (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Faculdade Fama, 2019.

Pedagogia 2. Bullying escolar 3. Alunos - convivência

I – SANTOS, Maria Auxiliadora (orient.) II - Título

CDU: 37 (045)

BULLING E O AMBIENTE ESCOLAR

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso

M. S. Santos

Orientadora

Alcino

Avaliador

Avaliação Final:

10 (Dez)

Aprovada em: Aracaju

02/12/2019

BULLYING E O AMBIENTE ESCOLAR

*ANDRÉ DE SOUZA SILVA,
ORIENTADORA: MARIA AUXILIADORA SANTOS.

RESUMO

O presente trabalho com o tema bullying e o ambiente escolar, tem como objeto de pesquisa o fenômeno comportamental *bullying*, e utilizou como estado da arte as obras de autores como Fante (2005), Silva (2010), Camargo (2009), Middleton- Moz; Zawadski (2007), dentre outros. Possui como questão de pesquisa: De que maneira o *bullying* escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos alunos? E além disso, tem como objetivo geral, analisar o fenômeno *bullying* no contexto escolar e suas eventuais consequências no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos alunos, e como objetivos específicos refletir sobre a importância do tema no trabalho pedagógico docente; conhecer práticas pedagógicas existentes no enfrentamento do *bullying* escolar; perceber que ações a família e a escola devem tomar no combate ao *bullying* escolar; identificar possíveis causas e consequências do *bullying* no ambiente escolar no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos discentes. Sendo esta, uma pesquisa que adotou o paradigma de pesquisa e análise qualitativa através da metodologia de pesquisa bibliográfica com base em Laville e Dionne (1999), e assumindo como conclusão, que somente com o engajamento de toda a comunidade escolar e com uma metodologia de ensino que trabalhe bons valores de convivência e formação social, é que será possível, alcançar um combate ao bullying escolar mais efetivo e um clima de paz nas escolas.

Palavras-chave: Bullying Escolar. Convivência entre alunos. Formação psicossocial dos alunos.

ABSTRACT¹

The present work with the theme bullying and the school environment, has as research object the behavioral phenomenon bullying, and used as state of the art the works of authors such as Fante (2005), Silva (2010), Camargo (2009), Middleton-Moz and Zawadski (2007), among others. Has as research question How does school bullying interfere in the teaching-learning process and psychosocial training of students? Moreover, its general objective is to analyze the bullying phenomenon in the school context and its possible consequences in the teaching-learning process and psychosocial formation of students, and as specific objectives to reflect on the importance of the theme in the pedagogical teaching work; know existing pedagogical practices in confronting school bullying; realize what actions family and school should take to combat school bullying; Identify possible causes and consequences of bullying in the school environment in the teaching-learning process and psychosocial training of students. This being a research that adopted the research paradigm and qualitative analysis through the bibliographic research

¹ FAMA - FACULDADE AMADEUS, ARACAJÚ, SERGIPE, BRASIL, EMAIL: ANDREPATRIMONIOBARRA@GMAIL.COM.

methodology based on Laville and Dionne (1999), and assuming as a conclusion, that only with the engagement of the whole school community and with a methodology of In teaching that works with good values of coexistence and social formation, it will be possible to achieve a fight against more effective school bullying and a climate of peace in schools.

Keywords: Bullying School bullying. Coexistence between students. Psychosocial training of students.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como propósito pesquisar e refletir sobre como o *bullying* se manifesta no contexto escolar de forma geral, e como o mesmo interfere no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos alunos, tendo como base, o cunho bibliográfico de autores como Camargo (2009), Fante (2005), Silva (2010), Middleton-Moz; Zawadski (2007) e outros que discutem em suas obras sobre o assunto; sendo esta, uma pesquisa que adotou análise qualitativa através da metodologia de pesquisa bibliográfica com base em Laville e Dionne (1999).

Para tanto, justifica-se a importância do tema escolhido, ao se observar a incidência recorrente do fenômeno *bullying* no ambiente escolar e como o mesmo interfere direta e indiretamente no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial de alunos, configurando-se assim, como um problema a ser enfrentado e superado por professores e todos os envolvidos com a comunidade escolar.

Nesse contexto, tal estudo teve como questão de pesquisa: “De que maneira o *bullying* escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos alunos?”, e teve como objetivo geral, analisar o fenômeno *bullying* no contexto escolar e suas eventuais consequências no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos alunos. E como objetivos específicos: refletir sobre a importância do tema no trabalho pedagógico docente; conhecer práticas pedagógicas existentes no enfrentamento do *bullying* escolar; perceber que ações a família e a escola devem tomar no combate ao *bullying* escolar; identificar possíveis causas e consequências do *bullying* no ambiente escolar no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos discentes.

Nesse sentido, o presente trabalho é uma pesquisa qualitativa (com base em Laville e Dionne, 1999) e de cunho bibliográfico. E por fim, através da análise das leituras feitas, o presente trabalho visa promover uma reflexão e entendimento

sobre o fenômeno *bullying* escolar que conscientize o leitor a entender a importância do engajamento de professores e de toda a comunidade escolar no enfrentamento deste fenômeno.

2 - O que é *Bullying*?

No âmbito da educação escolar, o docente ao exercer sua prática pedagógica, sempre encontrará muitos desafios na sala de aula para conseguir oportunizar uma educação adequada aos alunos, seja no que diz respeito aos conteúdos a serem ensinados e aprendidos, como nos bons valores de convivência social e cidadã que se espera que os discentes alcancem ao longo de sua formação.

Nesse contexto, podemos destacar que a escola não é um local de ensino e aprendizado de conteúdos apenas, mas sim, um espaço de convívio social no qual, se configuram diversos tipos de vivências e conflitos nos relacionamentos sociais entre os alunos, pois, segundo Fante (2005, p. 30):

As más relações entre escolares não são fatos esporádicos do cotidiano escolar, uma vez que se apresentam no repertório comportamental de muitos alunos, transformando-se numa questão social extremamente preocupante.

Diante do exposto, podemos entender que as relações sociais de conflito estão sempre presentes nas relações interpessoais dos alunos uns com os outros, e que tais aspectos interferem no processo de ensino aprendizado e no desenvolvimento de atividades e rendimento dos mesmos, conforme Fante (2005, p.47) diz:

É comum entre alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflitos e tensões. Há ainda inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou como forma de autoafirmação e para se comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem entre si. Caso exista na classe um agressor em potencial ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas.

Portanto, na educação infantil e em todos os níveis de ensino, um dos papéis do docente é sempre de estimular bons valores de cidadania e convivência social harmônica entre os discentes, porém, nesse contexto de más interações sociais que acontecem entre os alunos na escola, é possível observar um comportamento específico por parte de alguns alunos, que tendem a oprimir os outros colegas de turma ou da escola, com um comportamento repetitivo de

repressão ao outro, e que mesmo sem motivo aparente, é muitas vezes marcado pela perseguição, opressão, intimidação e o uso de diversos tipos de violência contra o outro, o fenômeno comportamental chamado *bullying*.

Segundo Camargo (2009) o termo *bullying* tem origem na palavra inglesa “*Bully*”, que significa valentão, tirano, sendo assim o *bullying* um verbo que denota ações como ameaçar, intimidar, maltratar e ridicularizar; e já para Fante (2005, p.28 e 29):

Assim sendo, por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e inferiorizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*.

Lemos (2007, p. 69) sintetiza a definição do fenômeno comportamental ao dizer que: “O *bullying* é um fenômeno de agressão velada, física ou psicológica, capaz de acarretar enorme prejuízo emocional, psicológico e social no indivíduo vitimizado.”.

Então, podemos entender que o *bullying* é um comportamento praticado por um *bully* (valentão) que mantém constante perseguição (muitas vezes de forma velada), numa relação desigual de poder, através de agressões físicas ou psicológicas em relação à vítima. Camargo (2009, p.22) afirma: [...] “o *bullying* é uma agressão física e/ou psicológica ocorrida entre pares, de forma intencional, repetida, sem motivo aparente que justifique tal atitude, gerando uma consequência”.

Para Silva (2010, p.21), [...] “a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e /ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defenderem”.

E ainda, outro fator a ser observado sobre o *bullying*, é que tal fenômeno comportamental está presente nos mais diversos ambientes sociais, como na família, na igreja, no grupo de amigos na rua, no trabalho, enfim, não apenas no ambiente escolar; e o que agrava a situação em todos esses ambientes, mas principalmente no escolar, é a forma velada (escondida) em que o mesmo acontece (sem que professores e demais funcionários da escola vejam e ou percebam que o mesmo está acontecendo) ou até mesmo de forma naturalizada, quando os próprios

docentes (e demais colaboradores que compõe a equipe pedagógica escolar) por falta de conhecimento sobre o tema ou até mesmo por negligência, visualizam tal prática como apenas “brincadeiras de criança” ou “uma briguinha ou discussõzinha normal para meninos dessa idade”.

A respeito disso, Middelton–Moz e Zawadski (2007, p.18) afirmam:

O *bullying* não é simplesmente, como muitos minimizam, um comentário ácido ocasional feito por uma pessoa próxima na mesa do café da manhã, um dia ruim com o chefe, crianças brigando com outras enquanto brincam, aprender as duras lições da rivalidade entre irmãos ou a solução de conflitos com colegas. É crueldade frequente e sistemática, voltada deliberadamente a alguém, por parte de uma ou mais pessoas, com intenção de obter poder sobre o outro ao infligir regularmente sofrimento psicológico e/ ou físico.

Enquanto Matos e Gonçalves (2009) reforçam o exposto, argumentando que o bullying é um dos comportamentos mais naturalizados e considerados como comuns pela sociedade, sendo que o mesmo também engloba a violência sistemática e contínua que mulheres sofrem dos homens, e que as crianças mais velhas cometem contra as mais novas, e apesar de o bullying ser uma forma de violência, não é percebido pela maioria das pessoas como tal, ou seja, não lhe é dado a devida atenção, não é reconhecido como algo que precisa ser combatido com urgência, mas sim, como uma coisa normal da vida e do comportamento humano.

Além disso, vale ressaltar que na rotina escolar, são muitos os momentos e ou locais da escola que geram uma “brecha” para que o bullying aconteça, a exemplo de momentos em que o professor não está na sala de aula, hora do recreio, e em especial aulas de educação física (onde uma agressão física de propósito pode ser disfarçada de falta ou acidente comum), e nos locais em que os alunos ficam sozinhos sem supervisão de ninguém, como vestiários, banheiros, corredores, ou espaços isolados da visão de todos na instituição.

Como exemplo, Botelho e Souza (2007, p.67) comentam:

Outro momento no interior da escola em que há manifestações de *bullying* é o horário do recreio. Sabe-se que este é um período em que ocorrem os seguintes problemas: não há supervisão dos professores; há um acúmulo de várias turmas e, conseqüentemente, alunos de diferentes idades dividem o mesmo espaço; quando há inspetor de supervisão, normalmente estão em número reduzido para o contingente de alunos; em muitas escolas, não há atividades orientadas durante o recreio; e há jogos com bola na quadra (futebol é o mais comum) sem nenhum tipo de supervisão. Com isso, ocorrem diversas manifestações de agressão, sendo o *bullying* uma delas

Nesse contexto, podemos identificar um conjunto de características específicas que o fenômeno *bullying* possui, como o fato de ser um ato praticado entre pares, ou seja, entre semelhantes dentro do mesmo grupo social (grupo de alunos, de colegas do trabalho, de familiares), e ser um comportamento repetitivo de perseguição, sem motivação aparente, caracterizado por agressão (física ou psicológica) de um agressor, no qual, o mesmo geralmente visa efetuar suas agressões de forma escondida (para não chamar a atenção de algum possível adulto ou de alguém que possa intervir em favor da vítima, e até mesmo de não deixar provas das quais a vítima possa usar para provar que foi agredida pelo mesmo), visando assim, estabelecer um domínio em relação à vítima que se vê inferiorizada, dominada e indefesa frente ao mesmo, ou seja, uma relação desigual de poder.

Nesse contexto, Fante (2005, p.29) ressalta que:

Definimos o *bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Portanto, podemos enfim definir que o *bullying* é um tipo de violência presente no meio escolar, da qual, se configura por ser um comportamento repetitivo e sistemático de agressão física e/ou psicológica entre pares, estabelecendo uma relação desigual de poder entre vítima e agressor que por sua vez, através de uma gama de ações visa causar sofrimento à vítima a seu bel prazer; sendo assim, cabível dizer que se trata um ato cruel e covarde, que geralmente acontece de forma velada e que não deve ser ignorado, negligenciado, ou aceito como “brincadeira de criança” como muitas pessoas erroneamente interpretam.

Nessa perspectiva, o *bullying* escolar, mais do que um mau comportamento entre alunos, é um fenômeno comportamental que causa grandes prejuízos de caráter físico e principalmente psicológicos a todos os alunos envolvidos nele, e é considerado por especialistas, como um problema de saúde pública que está presente em todas as escolas do mundo.

Sendo assim, identificar, prevenir e combater o *bullying* escolar, uma tarefa que requer um olhar atento do educador quanto ao comportamento e das interações sociais que acontecem entre os alunos, a começar pela sala de aula e demais ambientes dentro e fora da escola; sendo importante que além dos professores, pais e todos os envolvidos com a formação dos alunos, se engajem no

enfrentamento ao *bullying* e acolhimento dos envolvidos nesse fenômeno comportamental.

2.2- Contexto histórico do Bullying no ambiente Escolar.

Ao buscarmos o contexto histórico do *bullying* no âmbito escolar, veremos que tal fenômeno sempre existiu na realidade social da convivência dos estudantes da escola, tendo surgido como tema de preocupação social inicialmente na Suécia na década de 70, pois, segundo Silva (2010, p. 111):

O *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos.

E também conforme a autora afirma, poucos anos depois na Noruega na década de 80, um acontecimento trágico envolvendo três crianças vítimas de *bullying* no ambiente escolar, repercutiu de tal forma, que mobilizou o ministério da educação a criar uma campanha de combate ao *bullying* escolar, e teve início no país as pesquisas pelo psicólogo e pesquisador Dan Olweus.

Conforme Silva (2010, p. 111) relata ao dizer que:

No final de 1982, um acontecimento dramático começou a reescrever a história do *bullying* naquele país: três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam se suicidado no norte da Noruega. As investigações apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus-tratos a que tais jovens foram submetidos por seus colegas de escola. Em resposta à grande mobilização nacional diante dos fatos, o ministério da educação realizou, em 1983, uma campanha em larga escala, visando ao combate efetivo do *bullying* escolar. Dan Olweus, pesquisador da universidade de Berger, Noruega, iniciou nessa época um estudo que reuniu aproximadamente 84 mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos.

E ainda segundo Camargo (2009), os estudos de Olweus não só permitiram o entendimento de tal fenômeno (suas causas e como evitá-las), mas o conceituou com a nomenclatura conhecida até hoje, o *Bullying*, além de servirem de base, para o desenvolvimento de campanhas de enfrentamento e combate ao *bullying* escolar em outros países, conforme a mesma (2009, p.17) ressalta:

O *bullying* sempre esteve presente na escola. Apenas não existia um nome específico que pudesse denominar as atitudes violentas que caracterizavam este fenômeno. O psicólogo norueguês Dan Olweus foi professor da Universidade de Bergem e diretor de um centro para psicólogos clínicos da criança. Na década de setenta, ele mantinha um trabalho em conjunto com o centro de pesquisa para a Promoção da na Noruega. Dan Olweus por muitos anos, juntamente com seu grupo de pesquisa, desenvolveu diversos trabalhos estudando casos de suicídios na infância e na juventude. A partir desses estudos, Olweus descobriu que muitos dos jovens que cometiam suicídio tinham um histórico em comum: eram agredidos fisicamente ou psicologicamente por colegas de escola ou membros da família durante muito tempo. Dan Olweus usou os resultados das pesquisas e dos trabalhos que desenvolveu para divulgar textos, livros, artigos e programas sobre esse tipo de violência, que ele denominou como “*bullying*”.

Para a autora, Dan Olweus pode ser considerado “pai” dos estudos sobre o *bullying* e a pesquisa que o mesmo promoveu sobre tal fenômeno, evidenciou sua presença justamente no ambiente escolar; enquanto SILVA (2010, p.111 e 112) ainda diz que:

O objetivo principal de Olweus era avaliar a taxa de ocorrência e as formas pelas quais o *bullying* se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu país. O estudo constatou que um em cada sete alunos encontrava-se envolvido em casos de *bullying*, tanto no papel de vítima como no de agressor.

Nesse contexto segundo Fante (2005), os resultados dessas pesquisas geraram uma repercussão tamanha, que levou o governo norueguês a promover uma campanha de enfrentamento do *bullying* que alcançou um percentual significativo de diminuição do número de casos e que incentivou outros países a também promoverem campanhas de intervenção, o que evidencia a necessidade de ações por parte do governo e sociedade em geral, no enfrentamento para a diminuição e minimização deste fenômeno.

A esse respeito, Fante (2005, p. 45) descreve que:

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84 mil estudantes, trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, incluindo vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Esse estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*. Essa situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas; tal fato incentivou outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de intervenção.

E já no Brasil o tema começou a ser debatido de forma tardia, segundo Silva (2010) no ano 2000, de forma pioneira Cleo Fante e Jose Augusto Pedra realizaram suas primeiras pesquisas sobre o fenômeno, e em São Paulo desenvolveram uma das primeiras ações contra o *bullying* escolar, o programa denominado “Educar para a Paz”, não obstante, tragédias causadas por *bullying* também começaram a repercutir em nosso país.

Além disso, começou também a existir discussão e pesquisas sobre o tema com base nos estudos de Olweus, foi desenvolvida uma pesquisa no Rio de Janeiro por uma ONG (organização não governamental sem fins lucrativos) chamada Associação Brasileira multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência (ABRAPIA).

Conforme Silva (2010, p. 113) comenta:

No Brasil, as pesquisas e a atenção voltadas ao tema ainda se dão de forma incipiente. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) se dedica a estudar, pesquisar e divulgar o fenômeno *bullying* desde 2001. No período compreendido entre novembro e dezembro de 2002 e março de 2003, a Abrapia realizou uma pesquisa, por meio de questionários distribuídos a alunos de 5ª a 8ª série de 11 escolas (nove públicas e duas particulares), no estado do Rio de Janeiro.

Através dos resultados obtidos pela ABRAPIA, foi possível perceber que o *bullying* já era também uma realidade das escolas brasileiras naquela época, e que acontecia de forma significativa tanto com meninos, como com meninas.

Nesse contexto Silva (2010, p.113) comenta que:

Os resultados apontaram alguns dados bastante significativos: Dos 5.482 alunos participantes, 40,5% (2.217) admitiram ter tido algum tipo desenvolvimento direto na prática do *bullying*, seja como alvo (vítima), seja como autor (agressor). Houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (49,5%) na participação ativa das condutas de *bullying*. As agressões ocorrem principalmente na própria sala de aula (60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%). Em torno de 50% dos alvos (vítimas) admitem que não relataram o fato aos professores, tampouco aos pais.

Portanto, historicamente é possível observar que o *bullying* vem ganhando espaço como tema de discussão e pesquisas, uma vez que, tragédias acontecem como consequência deste fenômeno no meio escolar, e a divulgação destes fatos pela mídia chamam a atenção da gravidade e apontam as consequências que o *bullying* pode causar (e causa) na vida de todos os envolvidos, o que oportuniza uma sensibilização, conscientização, e tomada de decisão por parte do governo e toda a sociedade no enfrentamento deste fenômeno, conforme Silva (2010, p.120) reforça ao dizer que:

A imprensa e os grandes veículos de comunicação têm como tarefa divulgar o assunto, contribuindo para a conscientização de toda a sociedade. Somente desta forma poderemos despertar as autoridades e exigir delas a criação de políticas capazes de prevenir o *bullying* e/ou minimizar os efeitos individuais e coletivos deste fenômeno.

Nessa perspectiva, no Brasil, aos poucos o número de pesquisas científicas vem aumentando e se faz necessário que professores, pais, e todos os membros que estão envolvidos no meio escolar estejam atentos a este fenômeno que está presente em todas as escolas não só no Brasil, mas do mundo.

Nesse contexto Silva (2010, p.117) relata que:

O *bullying* ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Pode-se afirmar que está presente, de forma democrática, em 100% das escolas em todo o mundo, públicas ou particulares. O que se pode variar são os índices encontrados em cada realidade escolar. Isso decorre do conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre alunos.

Por fim, vale enfatizar que, mesmo a história mostrando que ações em relação ao *bullying* sempre foram tomadas somente depois da repercussão de tragédias causadas pelo *bullying* de pesquisas e através da mídia, como forma de sensibilizar e conscientizar toda a sociedade sobre a gravidade das consequências deste fenômeno na vida dos alunos; uma vez tendo ciência do tema, deve haver

iniciativa por parte de professores e da equipe pedagógica escolar, para o desenvolvimento de projetos e debates sobre o tema, como forma de conscientização, aprendizado e prevenção do *bullying* escolar.

2.3 Os personagens e as consequências do *Bullying*.

Ao analisarmos o fenômeno do *bullying*, identificamos que para cada indivíduo envolvido (seja direta ou indiretamente) existe um papel, uma postura, que cada um assume dentro dessa problemática, nesse sentido, Camargo (2009, p.29) enfatiza que:

No fenômeno *bullying* nós damos nomes àqueles que fazem parte deste ciclo de agressões. Isso ocorre não para rotularmos as pessoas, mas sim, para identificarmos os envolvidos e ajuda-los a se libertarem desses papéis destrutivos.

Sendo assim, através da classificação dos personagens e do elencar os comportamentos de cada um, é possível traçar características comportamentais e as consequências que o *bullying* gera para cada indivíduo, bem como as estratégias de ação que devem ser desenvolvidas para atender as necessidades deles, no intuito de acolhê-los e ajudá-los a se libertar do envolvimento deste fenômeno.

Diante do exposto, Silva (2010, p.47 e 48) comenta que:

Segundo Dan Olweus, psicólogo norueguês e importante pesquisador sobre o assunto, pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de *bullying* escolar. Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying*. Cada personagem dessa trama apresenta um comportamento típico, tanto na escola como em seus lares.

O primeiro e mais sofrido papel é o da vítima (ou alvo), no qual, o indivíduo que é perseguido pelo agressor (autor do *bullying*), se sente dominado, indefeso, vulnerável, intimidado moral e fisicamente, geralmente, este indivíduo se vê incapaz de reagir ou pedir ajuda diante da situação na qual se encontra (muitas vezes por não ter confiança de que professores, pais, ou adultos próximos a ele irão acreditar, ou se serão capazes de realmente tomar atitudes que possam de fato resolver a situação de maneira que o mesmo fique seguro definitivamente), por medo de sofrer ainda mais retaliações por parte do autor do *bullying*.

Nesse contexto Camargo (2009, p.31 e 32) reforça:

Além disso, o medo de uma retaliação por parte do autor é maior do que a vontade do alvo em denunciá-lo. Os alvos sentem medo ao imaginar o que aconteceria, caso o autor de *bullying* descobrisse a sua acusação, já que dificilmente poderia contar com a ajuda de outros colegas como artifício de defesa. Sendo assim, é fácil entender o motivo pelo qual menos de 5% dos alvos denunciam que sofrem *bullying*. [...] o meio escolar e até mesmo os pais, muitas vezes, não estão preparados para lidar com o fenômeno *bullying*. É por isso, que o alvo vive, ou acredita viver em um lugar que não lhe oferece segurança física e nem psicológica. Isso torna a situação mais agravante, pois, sem segurança, é quase nula a denuncia por parte do alvo, logo, a possibilidade de recuperação desses jovens, sejam alvos ou autores de *bullying*, fica cada vez mais tardia.

Portanto, este alvo sofre constantemente agressões físicas e/ou psicológicas por parte do agressor (ou agressores), seja no ambiente de convívio social no qual o agressor está presente, seja em outros ambientes que a influência do agressor alcance esse indivíduo, (como outros locais fora da escola, e através da internet, no caso do *cyberbullying*²), pois na maioria das vezes, o *bullying* é um ato que acontece até mesmo dentro da sala de aula e ainda assim, fica despercebido por muitos professores e demais funcionários do ambiente escolar que não estão atentos ao comportamento dos alunos, sendo que os autores, são experientes em cometer tais atos em momentos ou em locais, em que suas ações não sejam notadas por adultos, professores, ou outras pessoas, que possam de alguma forma intervir.

Nesse contexto, Camargo (2009, p.45 e 46) relata que:

É principalmente na escola que o fenômeno *bullying* acontece. A escola é o palco no qual os agressores mais gostam de atuar, e por fim, o lugar onde os alvos mais temem estar. [...] O *bullying* é manifestado em carácter sigiloso. As agressões ocorrem de forma secreta, escondida daqueles que poderiam intermediar a situação. Os espaços escolares mais propícios para o fenômeno *bullying* seriam: Pátio durante o recreio; Banheiros femininos e masculinos; Vestiários; Quadras poliesportivas; Refeitório; Portão da escola (durante a entrada e saída de alunos); Sala de aulas durante a troca de professores ou quando está escrevendo na lousa (ficando de costas para os alunos).

Geralmente, pelo constante sofrimento, esses alunos (alvos de *bullying*) quando não se tornam também agressores de outros alunos menores ou mais fracos

²O termo *cyberbullying* segundo Went (2013) pode ser entendido como o ato de praticar o *bullying* por meio do uso de tecnologias, a exemplo de celulares, computadores e demais dispositivos que tenham acesso a internet e por consequência, as redes sociais como facebbok, whatzap e demais outras, nas quais, seja possível de alguma maneira expor vídeos, fotos ou comentários que denigram a imagem de alguém, caracterizado assim o tipo de *bullying* moral e psicológico por parte do agressor em relação a vítima.

como forma de psicologicamente descontar todo sofrimento que já vivenciam no dia a dia, seja na escola ou fora dela na tão temida “hora da saída”, começam a apresentar alguns sintomas como isolamento social, baixa autoestima, tristeza, fobia escolar, alteração de humor, depressão e até mesmo pensamentos suicidas e/ou homicidas como comportamentos em resposta á situação da qual estão sendo vítimas.

A este respeito, Camargo (2009, p. 31 e 32) cita:

Desinteresse pela escola ou por alguma disciplina oferecida pela instituição, aumento, em grande escala, da baixa autoestima, tristeza e angustia em excesso, falta de vínculo afetivo com colegas, ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, transtorno comportamental, queda no rendimento escolar, e em casos extremos até mesmo assassinatos e suicídio.

Neste contexto, crianças e adolescentes que são vítimas de *bullying*, costumam ser vistos pelo agressor como um alvo fácil, por já apresentarem uma baixa autoestima, e até mesmo quando sobrevivem a anos de agressão sem ajuda ou auxílio, carregam estes sintomas e os traumas gerados pelo sofrimento que tiveram para o resto da vida, de maneira que os mesmos vão influenciar em seus comportamentos até a vida adulta.

Referente a isso, Silva (2010, p.25) comenta que:

Além de os *bulies*³ escolherem um aluno alvo que se encontra em fraca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática de *bullying* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. No exercício diário da minha profissão, e após uma criteriosa investigação do histórico de vida dos pacientes, observo que não somente crianças e adolescentes sofrem com essa pratica indecorosa, como também muitos adultos ainda experimentam aflições intensas advindas de uma vida estudantil traumática.

Ainda valendo ressaltar que, segundo Silva (2010) o aluno que é vitima de Bullying, pode ser classificado em três categorias, a vitima típica (aquele aluno que sofre e não reage por medo, mas que aparentemente, nunca fez nada contra o agressor que justifique ter sido escolhido como alvo de tal perseguição), a vitima provocadora (aquele aluno que muitas vezes por ter algum transtorno como hiperatividade ou ser muito impulsivo e ou imaturo, com frequência apresenta ter

³ O termo “*bulies*” pode ser entendido como o plural da palavra “*bulie*” que no contexto em que a autora Silva (2010) utiliza, fica entendido como valentão, ou seja, um indivíduo que assume o papel de autor ou agressor no fenômeno do *bullying* escolar; logo, o termo *bulies* significa valentões ou indivíduos que assumem papel de autores ou agressores no fenômeno do *bullying* escolar.

atitudes negativas ao grupo que sirvam de motivo supostamente “lógico”, para provocar uma reação de repressão ou punição por parte do grupo), e a vítima agressora (o aluno que como antes citado, pelo fato de sofrer bullying, tenta compensar ou descontar tal sofrimento, submetendo outros alunos menores ou de idade inferior também ao bullying.).

Ainda seguindo o pensamento da autora, alunos que já tenham geneticamente predisposição para alguns tipos de doenças de caráter psicológico e sintomas psicossomáticos (a exemplo de transtorno do pânico, fobia escolar, transtorno de ansiedade social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, suicídio e ou homicídio, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, dentre outros) diante da pressão psicológica que sofrem continuamente por meio do bullying, acabam por agravar ou fazer se manifestarem nos alunos.

Portanto, o aluno vítima de *bullying*, deve receber ajuda e apoio de pais, professores, e de qualquer um próximo a ele, para que possa ser protegido e consiga superar sintomas e traumas sofridos, de maneira que possa estar seguro e crescer de maneira saudável e normal em sua formação como indivíduo, pois caso contrário, as chances do mesmo seguir nesse ciclo de sofrimento constante e desenvolver doenças e traumas psicológicos que podem num futuro não muito distante levar esse indivíduo, a cometer atos extremos como suicídio ou vingança por meio de homicídio planejado contra seus agressores e pessoas da escola da qual frequentou (como em casos de vingança por bullying sofrido que a mídia já noticiou em muitos países do mundo).

A respeito disso, Camargo (2009, p. 32) reforça que “A comunidade escolar, juntamente com os pais, deve conhecer o fenômeno, estudar suas propostas e programas de combate ao *bullying*, para assim, oferecer ajuda adequada aos alunos”.

Já no que diz respeito ao agressor (autor de bullying), Matos e Gonçalves (2009, p. 5) dizem que: “As pessoas que oprimem necessitam de ter poder e de dominar, gostam do *controle* que têm sobre outros, têm um sentimento positivo quanto à violência e pouca empatia para com as suas vítimas”, contudo, vale ressaltar que muitas vezes o aluno agressor não percebe ou negligencia o sofrimento que causa à vítima através de suas ações, e apenas punição ou castigo não acabam com a intenção que tal indivíduo possui para a prática do *bullying*, e se

faz necessário uma intervenção (pedagógica, familiar, e dentro da lei) que faça o mesmo refletir e reconhecer como o outro (vítima) está sofrendo, e como tal ato é errado; é preciso levá-lo a se sensibilizar e a entender o outro, como sujeito que merece respeito, e que as ações de *bullying* geram consequências, tanto para o outro como para si mesmo.

Nesse contexto, Camargo (2009, p.37) enfatiza que:

A punição nem sempre é a solução mais adequada. Antes de pensar em punir, é preciso educar, mostrando a esses indivíduos que o outro, o seu alvo, possui sentimento. Despertando, nos autores, compaixão pelo próximo dando-lhes possibilidades de uma relação afetiva com a sociedade.

Além disso, o comportamento dos alunos envolvidos no fenômeno bullying, incluindo o do agressor, também sofre influência das ideologias presentes em todos os níveis sociais dos quais, os discentes fazem parte, conforme Wendt, Campos e Lisboa (2010, p. 46) dizem que:

Pode-se afirmar que há influências em três níveis: micro, meso e macro, o que põe em cheque a adoção de um critério do tipo arbitrário e que culpabiliza apenas o indivíduo, seja este, vítima ou agressor. Há uma série de fatores que atravessam o comportamento agressivo. Além disto, o grupo de jovens que são vítimas de violência pode se comportar na escola de modo passivo, isolando-se ou com condutas inibidas, passando despercebidas pelos olhos dos professores.

E ainda, Wendt, Campos e Lisboa (2010) enfatizam que comportamento do autor de bullying também é fruto de uma construção social influenciada por varias esferas da sociedade, a família, a escola, a religião, a política, a cultura, dentre outras das quais, o individuo (agressor) faz parte; conforme também, sobre como o bullying escolar e a violência devem ser refletidos através de uma perspectiva social, Menegotto, Pasini e Levandowski (2013, p.211) afirmam que:

Os estudos evidenciaram que a violência não pode ser analisada de forma simplificada e que requer uma reflexão sobre as transformações sociais e sobre como as relações estão sendo constituídas. A violência e o *bullying* escolar, nesse sentido, são vistos como uma extensão da problemática social.

Porém, apesar da formação do sujeito (autor de bullying) ser uma construção influenciada pelas esferas sociais das quais, o individuo frequenta e faz parte, se faz necessário que o educador se permita enxergar tal aluno, como individuo que pode sim, mudar de postura em relação ao fenômeno bullying e assumir um comportamento assertivo em relação ao convívio com os outros alunos.

Conforme Neto (2005, p. 170) enfatiza dizendo que:

Mesmo admitindo que os atos agressivos derivem de influências sociais e afetivas, construídas historicamente e justificadas por questões familiares e/ou comunitárias, é possível considerar a possibilidade infinita de pessoas descobrirem formas de vida mais felizes, produtivas e seguras. Todas as crianças e adolescentes têm, individual e coletivamente, uma prerrogativa humana de mudança, de transformação e de reconstrução, ainda que em situações muito adversas, podendo vir a protagonizar uma vida apoiada na paz, na segurança possível e na felicidade. Mas esse desafio não é simples e, em geral, depende de uma intervenção interdisciplinar firme e competente, principalmente pelos profissionais das áreas de educação e saúde.

E ainda, apesar das graves consequências e do sofrimento que os atos dos agressores causam as vítimas, o *bully* (valentão) também deve ser visto como outra vítima deste fenômeno, isso porque, muitas vezes, a causa desse comportamento é a má educação dada pelos pais à este indivíduo, na qual, pode ter sido marcada pelo tratamento também de repressão, perseguição, e violência, ou também por ausência, negligência, falta de atenção, diálogo, conversa e principalmente falta de limites.

A esse respeito, Camargo (2009, p.35) alerta que:

Não devemos olhar para o autor de *bullying* como um culpado, um ser violento merecedor de punições. E sim, com um olhar de observação, crítico, solidário, para que possamos enxergar não somente as suas atitudes, mas também as razões pelas quais acontecem. É comum o “*bully*” ser vítima em um determinado lugar e tornar-se autor em outro, para assim, descontar toda a carga emocional negativa presente em sua consciência e em seu coração.

Nesse sentido, alguns dos comportamentos que o *bully* (agressor, valentão) apresenta na escola segundo Camargo (2009, p. 34 e 35) são:

Impulsividade; irritabilidade constante e sem motivação, despreparo para enfrentar frustrações, não aceita ser contrariado, é nervoso, gozador e durão, aparenta não temer nada e nem a ninguém, gosta de “colar” em provas e levar vantagem em diversas ocasiões, manipula com habilidade diversas situações à seu favor, mente com frequência, é mimado e gosta de dominar, ameaçar, e impor suas vontades e necessidades.

E nesse contexto, as consequências que acompanham o agressor, caso não seja feita nenhuma intervenção para que o mesmo, seja também acolhido e mude sua forma de comportamento em relação a vítima e aos outros, é que esse indivíduo carregará para a vida adulta esses comportamentos ruins, que afetaram todas as áreas da vida do mesmo, e de quem convive ao redor, conforme Moz e

Zawadski (2007, p.98) afirmam: “Sem intervenção, esses sentimentos e visões se tornam enraizados, e os padrões de comportamento se fortalecem, continuando na idade adulta.”.

E por fim, quanto ao espectador (que no caso se remete aos espectadores do *bullying*), Silva (2010) diz que são aqueles alunos que assistem as ações dos agressores contra as vítimas, mas não adotam nenhuma atitude em prol da vítima; ela os classifica em passivos (não concordam com a atitude dos *bullies*, no entanto permanecem de mãos atadas para assumir qualquer atitude em defesa da vítima, pois também sentem medo de ser o próximo alvo), ativos (apesar de não participarem diretamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores com risadas e palavras de incentivo, são do tipo que gostam de ver o circo pegar fogo), e neutros (alunos que por uma questão sociocultural não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam; isso porque são alunos sobreviventes de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano, provocando um sentimento de “anestesia emocional” diante do *bullying*).

Nesse contexto, considerando que a motivação de muitos agressores é o “apoio moral” que recebem de alguns tipos de espectadores, os mesmos também possuem papel importante no fenômeno, pois podem ser aqueles que, segundo Camargo (2009), têm um papel essencial no enfrentamento ao fenômeno, pois, sem eles (assumindo o papel de platéia), os autores não teriam nenhuma pessoa para demonstrar as suas agressões, já que o *bullying* é uma violência entre pares.

Além disso, para os espectadores que são passivos (não concordam com as atitudes do *bullying* e o sofrimento que o autor do *bullying* causa aos outros colegas), muitas vezes mesmo que indiretamente sofrem junto com a vítima, conforme Camargo (2009, p.38 e 39) afirma:

Os espectadores não sofrem *bullying* diretamente, o que não quer dizer que eles não tenham consequências, uma vez que presenciam situações de agressões. Muitos querem ajudar seus colegas, livrando-os de tais situações de humilhação, mas sentem-se amarrados. E indiretamente magoam-se, ficam chateados e inquietos por acharem que não podem ajudar seus colegas. As consequências para os espectadores são: Queda do rendimento escolar; Desconcentração para os afazeres escolares; Insegurança; Irritabilidade; Tristeza.

Enfim, é fundamental entendermos que no ambiente escolar não se devem ser tolerados comportamentos de *bullying*, como educadores, pais e

responsáveis, não devemos negligenciar aqueles que sofrem com esse fenômeno, sejam eles vítimas, espectadores ou agressores, pois somente com ações de combate e enfrentamento ao *bullying*, é que poderemos ajudar a resolver e minimizar essa realidade tão cruel, ao qual estão submetidos tantos alunos, crianças e adolescentes das escolas brasileiras e de todo o mundo.

Diante do exposto, Silva (2010, p.161) alerta que:

O *bullying* é antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo e de responsabilidade de todos nós. Nesse sentido, a escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados. Para isso, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência em nosso dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços.

Por fim, pode-se concluir que independente do papel que um indivíduo tenha no fenômeno do bullying escolar, tal pessoa para se libertar e superar tal situação precisa de ajuda, que só será efetiva se todos os envolvidos com o contexto escolar e com a vida dos alunos possuíam conhecimento significativo sobre o assunto, e se engajem em ações de conscientização, enfrentamento e prevenção do fenômeno, acolhendo e protegendo as vítimas, conscientizando e ajudando os agressores na mudança de comportamento, e promovendo também tais ações em relação aos tipos de espectadores.

2.4- Os tipos de Bullying.

Ao buscarmos o contexto de como atos de *bullying* se manifestam no âmbito escolar e em qualquer outro ambiente, podemos perceber que tal prática geralmente acontece de forma velada (como já citado) e não se limita pela simples agressão física ou xingamentos ofensivos de forma sistemática, mas em uma gama de ações diretas e indiretas, que visam por parte do agressor atingir a vítima, ou seja, formas variadas e diferentes que são utilizadas pelo autor de bullying para infligir sofrimento à vítima, seja física e ou psicologicamente.

E nessa perspectiva, podemos classificar o bullying em tipos diferentes, sendo cada tipo nomeado de acordo com as ações específicas praticadas sistematicamente que os caracterizam, sendo eles classificados para Silva (2010,

p.23 e 24) como verbal (que engloba ações como “insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar” ”), físico e material (“bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas”), psicológico e moral (“irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos, sexual (“abusar, violentar, assediar, insinuar”), virtual ou cyberbullying (“através da utilização de aparelhos e equipamentos como celular e internet difundir calúnias e maledicências sobre a vítima”).

Diante do exposto, um dos tipos de bullying que mais vem chamando a atenção na contemporaneidade devido a ter como principal característica o uso das tecnologias e das redes sociais como forma de denegrir a imagem da vítima de forma sistemática é o cyberbullying (ou bullying virtual como alguns autores denominam), a respeito do cyberbullying Amado et al. (2009, p.303) comentam que:

Podemos dizer, então, que o *cyberbullying* constitui uma nova expressão do *bullying*, enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditadas e repetidas, realizadas com recurso a dispositivos tecnológicos de comunicação, tais como o e-mail, o chat, o blogue, o telemóvel, etc., contra uma vítima de estatuto semelhante, mas que tem dificuldade em defender-se.

Enquanto para Wendt e Lisboa (2014, p. 44) o que caracteriza o bullying virtual é que:

Em seu formato eletrônico, o *cyberbullying* ou *bullying* virtual não fere a pessoa fisicamente. A agressividade é majoritariamente dirigida a denegrir a imagem da pessoa, espalhar rumores, roubar senhas e *nicknames*, excluir de um grupo de discussão, entre outros. Os impactos da agressividade atingem, assim, aspectos emocionais e relacionados ao *self* da vítima.

Nesse sentido, o cyberbullying se apresenta como opção favorável as práticas de bullying psicológico e moral, porque através de dispositivos (como *smartphones*, por exemplo) que permitem ao dono ter acesso à internet, fica fácil difundir textos, vídeos, imagens, ou boatos (mesmo que sejam falsos) que denigram a imagem de alguém socialmente, isso porque o ambiente da web aparentemente consegue fornecer (dependendo do canal ou site utilizado) anonimato e segurança ao agressor; ainda valendo ressaltar que, a impressão que muitas crianças e adolescentes têm da internet e das redes sociais, é que se tratam de espaços nos

quais, todo mundo pode expressar livremente suas opiniões, inclusive, todo tipo de informação que desejarem postar a qualquer hora, tenham elas bons ou maus impactos na vida dos outros. A respeito disso Wendt e Lisboa (2014, p. 44) reforçam que:

Diferentemente do *bullying*, em que a situação de desequilíbrio de poder decorre em função de distinções como força, persuasão ou *status*, em sua manifestação eletrônica, o *cyberbullying* representa uma desvantagem em termos de habilidades tecnológicas (um usuário “mais avançado” pode vitimizar outra pessoa em decorrência de certos conhecimentos específicos). Além disso, o agressor pode recorrer ao anonimato, deixando a vítima sem possibilidades de identificar o autor das agressões e restringindo, assim suas formas de ação para combate desta violência.

Além disso, como Wendt, Campos e Lisboa (2010) afirmam que em relação ao bullying escolar presencial, o cyberbullying tem como característica semelhante, a perseguição sistemática (continua) do alvo e da intencionalidade de fazê-lo sofrer, como acontece quando um autor de bullying posta em uma rede social uma foto ou vídeo que humilha ou expõe o alvo de forma que abala seu psicológico, e afeta sua imagem social perante os colegas de escola e a sociedade como um todo; e ainda, em certo ponto o cyberbullying se difere do bullying tradicional, pelo fato de que o alcance de espectadores pode aumentar infinitamente.

A esse respeito Wendt e Lisboa (2014, p. 44) dizem:

No *cyberbullying*, todavia, a audiência pode ser nula (como nas situações em que o agressor dirige seus atos diretamente à vítima) ou infinita (como na postagem de vídeos, fotos ou outro material em sites e redes sociais). [...] uma única ação realizada pode ser replicada inúmeras vezes por um número extenso de espectadores, não exigindo que o agressor repita o seu ato (ex: postar uma foto em um *site* ou um vídeo no *Youtube*, uma única vez, pode ser visualizado, salvo em um computador e compartilhado para uma ampla audiência).

Portanto, ao considerar o poder de repercussão e quantidade de expectadores que pode atingir, o cyberbullying se mostra como um tipo de bullying ainda mais desafiador para a comunidade escolar e as famílias enfrentarem no combate ao bullying.

Conforme, Amado et al. (2009, p. 321) complementam, ao dizer que:

O combate ao problema do *cyberbullying* centrado na comunidade escolar como um todo deve promover a capacidade das escolas para se debruçarem sobre as questões associadas à literacia digital, à segurança on-line, e ao uso responsável e positivo das TIC.

Nesse contexto, para lidar com o cyberbullying, a escola e a família devem tomar um conjunto de ações específicas e planejadas para monitorar o acesso dos alunos na internet colocando limites ao tempo de uso e aos sites visitados pelos mesmos, além de no contexto escolar, promover aulas, palestras e cursos que alertem e orientem os discentes sobre os perigos da web e como denunciar se estiver sendo perseguido de alguma forma na rede.

A esse respeito, Amado et al. (2009, p. 320) ainda apontam certas iniciativas como sugestão de enfrentamento ao dizer que:

Uma outra estratégia sugerida pelos especialistas diz respeito à elaboração de manuais e outros recursos sobre *cyberbullying*, para além da adaptação de estratégias e programas que se revelaram eficazes no combate ao problema do *bullying* escolar.

E ainda, dentre os tipos de bullying, ainda é possível observar inúmeros jeitos diferentes que os agressores encontram para maltratar seus alvos, e não sendo poucos também, o número de filmes e series assistidos por incontáveis crianças, jovens e adolescentes, que retratam o bullying escolar e os diversos tipos de bullying de forma naturalizada e até mesmo com um toque de humor, produções audiovisuais de massa (isso sem mencionar certos canais do *Youtube*) que tratam ações como “dar cuecão”, “jogar o colega na lata de lixo”, “colocar a cabeça do colega no vaso sanitário e dar descarga”, “derrubar os livros e cadernos da mão do colega, no chão” como sendo algo engraçado, cômico, ou natural, comum, que faz parte da vida de todos que frequentaram a escola um dia.

Sendo que, diante de alguns desses comportamentos citados, como muitos outros que são praticados diariamente contra alunos de todas as escolas, é possível observar que os mesmos ocorrem geralmente de forma específica a depender do gênero do agressor, conforme afirmam Menegotto, Pasini e Levandowski (2013, p. 211) ao dizerem que:

Quanto ao gênero, as pesquisas indicaram que a grande maioria dos agressores é do sexo masculino e que estes praticam a violência de forma direta, por meio de agressões físicas e intimidações. As meninas costumam praticar a violência de forma indireta, por meio de boatos maldosos, exclusões do grupo, entre outros.

Nesse sentido, mesmo sabendo que todos os tipos de bullying podem ser praticados por todo tipo de agressores, independente de gênero dos mesmos, é possível observar que de forma geral no ambiente escolar, os meninos costumam praticar as ações de bullying que atingem a vítima de forma mais direta (“bullying

físico, verbal, sexual e material”), enquanto as meninas costumam praticar bullying com ações que atingem a vítima de formas mais indiretas (bullying psicológico e moral, como também o virtual através das redes sociais que é o cyberbullying); sendo possível afirmar que esse fato, está intimamente relacionado com a construção social desses sujeitos.

Segundo Couto (2012) os papéis de gênero impostos pela sociedade, influenciam de forma ideológica e alienante as relações de gêneros e os comportamentos de jovens e adolescentes, e isso se reflete até mesmo, na forma como os mesmos cometem atos de violência na escola.

Couto por fim ressalta que na atual sociedade machista, a ideologia de gênero (como sendo as atitudes que a sociedade impõe como padrão ideais de comportamento para o homem e para a mulher, tanto nas atitudes, como na aparência, peso, cor, classe social, dentre outros) se faz presente também no ambiente escolar, e por causa da postura que as meninas são ensinadas a ter desde pequenas (de ser dócil, comportada, amistosa, dentre outros) reflete no comportamento que as mesmas assumem mesmo na prática da violência, ao optarem por procurar atingir uma possível vítima por meios mais indiretos como, criar boatos, fofocas, excluir do grupo, dentre outros atos que (em relação a agressões físicas) passam mais despercebidos e são mais sutis.

Portanto, são muitas as ações existentes no tocante as formas e práticas do bullying no ambiente escolar, e muitas vezes os educadores por falta de conhecimento e experiência não sabem ou conseguem prevenir, identificar, e intervir de forma eficiente e eficaz em situações de bullying escolar em que seus alunos estejam envolvidos.

Com relação a isso, Menegotto, Pasini e Levandowski (2013, p.211) dizem que:

Os estudos destacaram a importância de preparar os professores, que, muitas vezes, não sabem identificar as situações de *bullying* nem lidar com elas. Além disso, a escola como um todo precisa ser repensada, buscando praticar não somente os conteúdos mínimos das diretrizes curriculares, mas também um trabalho pautado na importância da constituição dos princípios de tolerância e de respeito.

Diante de tal exposto, fica evidente o quanto é de suma importância que professores e toda a comunidade escolar não apenas tomem conhecimento sobre os tipos de bullying e de cada ação específica que diz respeito a cada um deles, bem como das consequências que causam na vida dos alunos, mas, que se

engajem no enfrentamento desse fenômeno que causa sofrimento para todos os envolvidos.

2.5- Como o *bullying* escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos alunos?

Diante do contexto do bullying escolar, as situações vividas por seus personagens envolvidos (agressor, vítima e expectador) afetam de forma negativa o rendimento escolar (processo de ensino aprendizagem) e o ⁴desenvolvimento psicossocial desses alunos, tal raciocínio é justificável, pois, conforme Fiedler (2016) a formação psicossocial dos sujeitos é desenvolvida em oito fases, sendo que algumas delas acontecem em faixas etárias nas quais crianças e adolescentes ainda estão em idade escolar, ou seja, é possível deduzir que a vivência escolar também irá interferir na formação de algumas dessas fases.

Portanto, através dos episódios de agressões físicas e/ou psicológicas sistematicamente vivenciadas, a interferência e influência nos processos citados acabam por ser inevitáveis, considerando que foco desses sujeitos não vai estar mais direcionado unicamente para os estudos e demais atividades e relações interpessoais comuns realizadas no ambiente de ensino, mas sim, nas expectativas de quando outro episódio do bullying poderá vir a ocorrer novamente.

Nesse contexto, o clima de tensão, medo e insegurança que as vítimas sentem em relação aos agressores, muitas vezes faz com que as mesmas desenvolvam uma fobia escolar, ou seja, que não queiram ir à escola por medo dos maus tratos que possivelmente sofreram quando encontrarem ou forem encontradas pelo autor de bullying, tal fato, traz como consequência pedagógica a queda do rendimento e desempenho escolar, como também o possível desenvolvimento de transtornos psicológicos.

A esse respeito Silva (2010, p.76) comenta que:

⁴ O termo “desenvolvimento psicossocial” segundo Fiedler (2016) que tem suas ideias baseadas em Erik H. Erikson (renomado psicanalista que é considerado o autor clássico da teoria do desenvolvimento psicossocial) remete a formação psicológica do “Ego”, ou seja, a formação da psique dos sujeitos através das relações sociais e psicológicas estabelecidas no convívio com as outras pessoas na sociedade.

Uma parcela de crianças e adolescentes também pode desenvolver transtornos psiquiátricos sérios, como pânico, depressão, bulimia, anorexia, ansiedade generalizada, fobias, psicoses, entre outros, como visto anteriormente. É importante destacar que o bullying, nesses casos, se constitui em um fator desencadeante efetivo para que todos esses transtornos venham à tona nos jovens que já possuíam uma personalidade com predisposição genética para essas patologias.

Além disso, sob uma perspectiva pedagógica, é possível refletir que fatores essenciais para o cumprimento saudável do processo de ensino aprendizagem como a atenção, concentração, foco, e um estado mental livre de preocupações, que forneçam condições mínimas necessárias para o ato de aprender, deixam de existir quando os discentes estão envolvidos com bullying escolar, pois os pensamentos e sentimentos dos mesmos (quando presentes na escola) não estão mais direcionados para as aulas e atividades escolares desenvolvidas pela instituição de ensino, mas sim, nos episódios sistemáticos de agressão que poderão vir a ocorrer a qualquer momento.

Diante disso, o professor deve estar atento aos sinais que os alunos apresentam através de seu comportamento, pois muitos alunos sinalizam através de certas ações e atitudes de que tem algo de errado acontecendo, a exemplo, o não cumprimento das atividades escolares, não conseguir prestar atenção nas aulas, demonstrar estar triste ou mais tímido do que de costume e até mesmo, em situações nas quais percebe-se que determinado aluno está se isolando ou sendo isolado pelos demais, como também, se nas falas ou relatos dos outros alunos, o mesmo esteja sendo criticado verbalmente com tom de deboche e ou desprezo.

Contudo, é possível perceber que na realidade escolar observável o bullying acontece desapercivelmente pelo professor mesmo quando não acontece de forma velada, educadores e adultos por não terem o devido conhecimento do assunto aqui tratado, observam tais sinais como brincadeiras e ou discussões normais entre os estudantes e muitas vezes num ato involuntário de ignorância termina por negligenciar os sinais e a oportunidade de intervir de forma significativa no fenômeno que esta acometendo seus alunos e está levando os mesmos a uma formação psicossocial doentia e ao fracasso escolar.

Por fim, no contexto de combate ao bullying escolar e suas consequências na vida dos alunos, quando observa-se a fala de Moz e Zawadski (2007) quando argumentam que: “Espera-se que todos aqueles adultos preocupados e responsáveis em escolas e em comunidades no mundo todo estejam

abertos a escutar e a aprender, de forma que as intervenções eficazes possam ser a regra, em lugar de a exceção.” É possível concluir que se pais, professores e responsáveis pelos alunos não perceberem e intervirem nos casos de bullying escolar, não apenas a vítima, mas os outros personagens do bullying continuaram a sofrer os efeitos danosos que esse fenômeno causa tanto no aspecto de formação curricular escolar (como a queda do rendimento e desempenho do ato de aprender e realização das atividades escolares) como também na formação psicossocial dos alunos (no desenvolvimento de fobias e demais transtornos psicológicos).

2.6- Práticas pedagógicas e a participação da família como ferramentas no combate ao *Bullying* no ambiente escolar.

É possível afirmar que a escola enquanto instituição de ensino e aprendizagem tem como funções principais oportunizar o aprendizado do conhecimento científico acumulado durante a história pela humanidade, e também dos valores de convívio social e exercício da cidadania de forma autônoma e emancipatória, nesse contexto, o bullying escolar se apresenta como um problema que afeta negativa e diretamente não apenas o papel social da escola, mas a formação psicossocial dos sujeitos.

Diante do exposto, o bullying escolar não somente deve ser visto como uma ameaça para o processo de educação dos alunos, mas como Camargo (2009) e outros autores comentam como “um problema de saúde pública”, que deve com urgência ser combatido no ambiente escolar; através da mobilização de todos os envolvidos com a comunidade escolar (professores, funcionários da escola, família e principalmente os alunos) por meio de projetos pedagógicos, palestras, diálogo aberto sobre o tema (conscientização) e grupos de apoio. A respeito dos membros da comunidade escolar se engajarem no enfrentamento ao bullying escolar, Lemos (2007, p.72) comenta que:

Todos os profissionais do âmbito escolar devem estar engajados no processo, comprometidos com a elaboração e desenvolvimento de debates, palestras, campanhas, trabalhos específicos, parceria com a família e com demais profissionais, dentre outros, para que, futuramente, possam se orgulhar do ambiente sadio e pacífico que estimularam, em decorrência do desenvolvimento de uma vinculação entre cognição e afeto dentro do ambiente escolar.

Nesse contexto, podemos entender que no enfrentamento ao bullying a união da família com a escola é um primeiro passo importante, pois infelizmente, uma grande maioria dos pais e familiares de alunos, não participam ativamente da vida escolar dos mesmos, ou até mesmo quando percebem o envolvimento de um membro familiar envolvido com fenômeno tentam resolver do seu “próprio jeito” punindo até mesmo de forma agressiva o autor de bullying, ou retirando a vítima da escola através de transferência, sem que a escola muitas vezes tenha conhecimento ou possa tomar alguma atitude a respeito do ocorrido.

Tal fato evidencia que independente de serem escolas públicas ou particulares, essa ausência que muitos pais têm da escola torna ainda mais difícil o enfrentamento do bullying escolar por parte da instituição, sendo que, melhores resultados podem ser obtidos quando existe uma relação de colaboração por meio de comunicação e confiança entre a instituição de ensino e os familiares dos discentes, conforme Neto (2005, p.170) afirma ao dizer que:

Os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas.

E para tanto se faz necessário que haja uma proximidade do professor e a escola com as famílias dos alunos, nesse sentido, a iniciativa por parte do educador de tentar conhecer o contexto social e a família de seus alunos se faz necessário para o estreitamento dos laços, em especial, quando a problemática que os discentes estão envolvidos é o bullying escolar, a proximidade com o aluno por parte da família, da escola e entre ambos, forma uma forte ligação que permite uma atuação mais efetiva no combate ao fenômeno, conforme Santos e Grossi (2008, p.300) explicam ao enfatizar que:

[...] é necessário que os pais (famílias) tenham intimidade com o ambiente escolar, que sejam próximos de seus filhos para abordarem e serem capazes de identificar esse processo. É necessário que os pais deixem claro a compreensão familiar e que, caso seja necessário, venham a buscar auxílio profissional para a intervenção nas situações do tipo bullying, reforçando a autoestima e orientando os jovens a enfrentarem a dificuldade ao invés de trocá-los de escola, o que muitas vezes ocorre.

Contudo, vale ressaltar que cada parte dos envolvidos nesse enfrentamento, deve ter ciência de qual deve ser a sua contribuição, não culpando ou jogando a responsabilidade dos atos acontecidos para cima do outro, como forma

de negligenciar ou se acomodar diante o problema e as ações que devem ser tomadas para solucioná-lo; em relação à parceria entre família e a escola no combate ao bullying escolar Lemos (2007, p.72) alerta que:

Em contrapartida, em condição de parceria, a família, de todos os envolvidos, não deve deixar que a situação seja resolvida somente pela escola, devendo contribuir com uma participação ativa. A influencia familiar é definidora no desenvolvimento da estrutura psicológica da criança e, portanto, os pais devem se comprometer a oferecer-lhe, desde seu nascimento, uma formação digna, respeitosa e saudável.

E ainda, podemos salientar que o processo de enfrentamento ao bullying escolar de forma geral, se trata em promover junto com toda a equipe pedagógica da escola e os alunos, os processos de identificação, conscientização e principalmente prevenção do bullying escolar, sendo que para tanto, o tema entre em pauta com urgência na elaboração do PPP (projeto político pedagógico) da escola, visando justamente legitimizar e planejar com todos (numa perspectiva em que a escola tenha uma gestão democrática ao elaborar o PPP), ações consistentes para o combate á esse fenômeno, visando estabelecer um clima de paz na escola, conforme enfatizam Wendt, Campos e Lisboa (2010, p. 47) ao relatarem que: “É preciso realmente prover um ambiente seguro e de respeito para todos na escola, sendo que cada aluno deve ser respeitado na sua singularidade, em termos de sentimentos, pensamentos e atitudes.”.

Sob essa perspectiva, o objetivo maior do combate ao bullying escolar, é acolher e libertar os alunos que estão envolvidos nesse fenômeno (seja qual papel esteja exercendo no mesmo) e alcançar na medida do possível conforme idealiza Fante (2005) um clima de paz nas escolas, onde a figura do professor assuma postura de educar para a paz.

Conforme também ressalta Wendt, Campos e Lisboa (2010, p. 49) ao dizerem que:

É necessário afirmar que, quanto mais positivo for o clima social de uma escola, maior será sua capacidade de responder positivamente em relação a sua função educacional de proteger e reforçar a capacidade de seus membros em lidar com as adversidades. Logo, a importância das estratégias com o objetivo de estimular um clima social positivo no ambiente escolar está baseada no fato de que essa abordagem nos permite uma melhor compreensão da dinâmica bioecológica que existe no contexto escolar. Assim, a compreensão e fomento a um clima social escolar saudável pode funcionar como um modelo de intervenção constante, que se reinventa, produzindo ações de autoanálise e autogestão e além de atuar no processo de *bullying* em si, representa um movimento contínuo de produção de uma cultura de paz e de resolução não-agressiva dos conflitos.

Enfim, podemos definir que com o tema sendo pauta do PPP escolar e o engajamento da família junto à escola no enfrentamento do bullying escolar, as chances desses alunos envolvidos com esse fenômeno serem acolhidos e alcançarem uma superação das práticas exercidas no bullying caso estejam envolvidos com essa problemática aumentam consideravelmente; porém, em contraponto a tudo o que foi dito até aqui no presente trabalho a respeito de como deve ser refletido o ideal da não tolerância e combate ao fenômeno comportamental objeto de estudo deste trabalho, Antunes e Zuin (2008) trazem outra perspectiva, ao alerta que o combate ao bullying escolar, não deve ser entendido e realizado como forma de alienação do sujeito, ao impor aos alunos um moralismo (ideologia) que só reforça a adequação dos mesmos ao “status quo” da sociedade, mas sim, que o combate ao bullying e a educação deve ser desenvolvidas visando oportunizar uma formação que instrumentalize os discentes para o processo de emancipação.

Nesse sentido, os autores destacam que numa perspectiva em que a escola tem também (como citado no início deste capítulo) a função de oportunizar uma formação que o ajude o aluno a criar uma consciência crítica que o permita vislumbrar o processo de emancipação social, as práticas sugeridas como “solução” por muitos autores a respeito de como o bullying escolar deve ser combatido, acabam por assumirem um papel ideológico e alienante que reforçam um comportamento dos sujeitos de se adequarem ao que a sociedade espera dos mesmos.

Dito isso, a autora afirma que, para que as práticas contra o bullying escolar e outras violências recorrentes na escola não continuem a ser instrumentos de “moralismo” da ordem vigente, o processo de como a educação acontece nas escolas deve ser repensado, para as ações tomadas contra o bullying por parte da instituição de ensino e toda a comunidade escolar, não se tornem agentes de

manutenção de um sistema que também é uma das causas do surgimento desse fenômeno.

Por fim, diante do exposto, é possível afirmar que no enfrentamento ao bullying escolar, o educador deve estar atento ao comportamento de seus alunos, bem como, manter junto com a equipe pedagógica da escola, um estreitamento com a família dos mesmos, tanto para a troca de informações sobre a vida escolar dos discentes, como dos comportamentos referentes ao bullying, além disso, ações pedagógicas como projetos pedagógicos que discutem o tema, a realização de palestras, campanhas de conscientização, e a formação de grupos de apoio, são medidas que estão ao alcance do professor, uma vez que por meio da elaboração do PPP tal tema seja colocado em pauta e que seja o tema dialogado abertamente com todos, visando não adequação dos sujeitos, mas sim, a emancipação da comunidade escolar do fenômeno bullying.

3 DISCUSSÕES

Em perspectiva da construção teórica do presente trabalho, é possível discutir a colaboração de cada autor, cuja obra serviu de base científica para o estudo e entendimento do fenômeno bullying escolar e de que maneira o mesmo interfere no processo de ensino aprendizagem e formação psicossocial dos alunos.

Valendo ressaltar desde início, que muitos dos autores aqui citados apresentam muito mais argumentos a respeito do bullying escolar e toda a sua abrangência e complexidade, mas que, devido à contribuição já fornecida pelos mesmos no referencial teórico, será abordada nessa discussão, um breve resumo sobre algumas das muitas contribuições que as obras dos mesmos possuem a respeito do tema de pesquisa proposto.

A começar por Camargo (2009), com seu livro: “brincadeiras” que fazem chorar, é uma obra de introdução ao bullying que serve de recomendação ao leitor que está iniciando o estudo sobre o fenômeno Bullying, indicado para pais, professores e alunos, a autora utiliza uma linguagem de fácil entendimento para explicar seus argumentos, e comenta sobre o início do contexto histórico das pesquisas científicas sobre bullying através de Dan Olweus e trata dos principais tópicos referentes ao tema, tal leitura se torna muito útil, ao servir de base para leituras mais aprofundadas sobre o tema.

Enquanto Silva (2010) em seu livro: *Bullying: mentes perigosas nas escolas* trata do assunto bullying escolar discutindo detalhadamente como o fenômeno se manifesta no ambiente escolar classificando os tipos de bullying e como agem e se comportam cada um dos personagens envolvidos com o problema (agressor, vítima e espectador), ela ainda traz muitos relatos baseados em situações reais, que permite ao leitor entender de forma geral como a covardia e os mal tratos sofridos pelos alunos acontecem no dia a dia escolar, e como causam consequências danosas cognitivas e principalmente psicológicas aos mesmos, recomendável para todo docente que está no exercício do magistério em sala de aula.

Nesse contexto, uma das obras mais completas e de grande valor referencial para todos os que se propõem a se ler sobre o assunto, é o livro: *Fenômeno Bullying*, da autora Cleo Fante, ela que é uma das pioneiras em desenvolver ações em escolas contra o Bullying escolar no país, desenvolveu em uma escola de São Paulo o programa educar para a paz, a mesma nos leva a refletir de uma forma profunda, o como o professor e a escola devem se engajar no enfrentamento contra o bullying escolar através de projetos que envolvam os alunos e toda comunidade escolar de forma significativa para a superação do problema.

Enquanto Middleton-Moz e Zawadski (2007) trazem uma visão macro do fenômeno ao abordá-lo não apenas no ambiente escolar, mas no ambiente de trabalho, relacionamento adulto com o conjugue, e em outras esferas sociais, mostrando como o Bullying apesar de acontecer na escola conforme o foco de análise do presente trabalho, também se manifesta nas relações entre pares de diversos ambientes sociais, e a obra enfatiza também, como o comportamento de bullying e suas consequências afetam a vida dos alunos envolvidos, também durante a fase adulta; portanto, tal obra é recomendável para aqueles que querem ter uma reflexão macro do fenômeno, para além do ambiente escolar.

E ainda, vale ressaltar também a contribuição de Friedler (2016) que com base em Erik H. Erikson descreve em seu artigo: *O desenvolvimento psicossocial na perspectiva de Erik H. Erikson: as "oito idades do homem"*, oportuniza o entendimento do que é a formação psicossocial e que permite vislumbrar também como o bullying escolar afeta tal desenvolvimento dos sujeitos.

Além disso, Menegotto, Pasini e Levandowski (2013) por meio do artigo: *O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos* (que teve como

metodologia de pesquisa, uma revisão de artigos científicos que retratam apenas sobre o tema bullying escolar na realidade de escolas brasileiras), argumentam que o comportamento de bullying também é fruto da construção social do sujeito que é influenciada pelas ideologias presentes nas esferas sociais das quais, o mesmo faz parte, e que pela falta de conhecimento sobre o tema, é grande o número de professores que tem dificuldade para lidar com a situação de bullying no ambiente escolar, uma vez que não consegue distingui-lo entre brigas e conflitos isolados tidos como “comuns”; e que de forma geral, quanto a questão de participação e envolvimento com o fenômeno sob a perspectiva de gênero, os que assumem o papel de agressores e são meninos, geralmente agem com ações de agressão mais físicas, e as meninas com ações de agressões de caráter psicológico e morais, com ações consideradas mais sutis.

Em concordância, Couto (2012) com livro: Violência e gênero no cotidiano escolar, argumenta que a forma como as violências praticadas por jovens e adolescentes ocorrem no ambiente escolar, também são fruto da influência da ideologia de gênero imposta pela sociedade aos mesmos, uma vez que a tal influência determina o padrão de comportamento esperado pelo gênero masculino e feminino.

Na sequência, temos Matos e Gonçalves (2009) com o artigo: Bullying nas escolas: comportamentos e percepções, tal obra, teve como propósito investigar os comportamentos de bullying dos estudantes de escolas públicas de Portugal, o artigo representa uma análise para o leitor observar e comparar como o fenômeno se manifesta na realidade de Portugal, o que permite identificar aspectos parecidos e diferentes de como o mesmo se apresenta na realidade das escolas brasileiras, recomendado para quem fazer esse tipo de observação.

Em sintonia, Santos e Grossi (2008) conforme o artigo: Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre, realizaram sua pesquisa em julho de 2007 em quatro escolas públicas da cidade de Porto Alegre – RS, e através de questionário e entrevistas com os alunos, o texto conta com várias falas dos mesmos, além de tabelas e gráficos que demonstram estatisticamente, como os alunos percebem e vivenciam o bullying escolar no dia a dia, com os resultados obtidos, os autores concluem que o envolvimento dos alunos com o bullying escolar transcende classe social, e vem ganhando mais espaço a cada dia mais entre os jovens de forma naturalizada como briga ou indisciplina, e

que nesse sentido o fenômeno deve ser percebido e enfrentado com a ajuda da escola e principalmente da família, numa perspectiva de mudança a longo prazo, mas que se faz urgente diante a realidade que essas escolas vivenciam com o fenômeno.

Nessa perspectiva, Botelho e Souza (2007) com o artigo: Bullying e educação física na escola, fazem uma análise do fenômeno sob a perspectiva das aulas de educação física, alertam como os educadores dessa área devem estar atentos as “brechas” que os momentos de recreação e das aulas de educação física podem criar para o acontecimento bullying, e ainda reflete como o professor de educação física pode contribuir para a prevenção, identificação e intervenção do problema, o que evidencia que se trata de uma boa leitura para os professores da área e em geral.

Também a esse respeito, Neto (2005) com o artigo: Bullying: comportamento agressivo entre estudantes, traz uma visão diferenciada sobre o Bullying escolar, com foco na área de saúde, em específico o da pediatria, ele enfatiza que o profissional da área, deve estar atento se o paciente (criança ou adolescente) esta sendo vitima de bullying no ambiente escolar, pois, o estresse que esse tipo de fenômeno impõe aos sujeitos envolvidos, pode levar ao surgimento de patologias, ela ainda enfatiza que seja qual for o papel que o individuo tenha no bullying, o mesmo será acometido de consequências físicas e emocionais a curto e a longo prazo.

Nesse sentido, Wendt, Campos e Lisboa (2010) através do artigo: Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea, enfatizam o que é e como ocorre o bullying escolar, além de também discutir um dos tipos específicos do fenômeno que é o cyberbullying, e alertar que a falta de conhecimento aprofundado sobre o assunto por parte de professores e demais membros da comunidade escolar, colabora para a naturalização e os faz confundir bullying com brigas isoladas; com o objetivo de que o leitor possa desmistificar tais diferenças, os autores trazem na conclusão da obra alguns esclarecimentos sobre o que é mito e o que é verdade a respeito do bullying escolar.

Além disso, Wendt e Lisboa (2014) com o artigo: Compreendendo o fenômeno do cyberbullying, trata especificamente sobre esse tipo de bullying, explicando as diferenças principais entre bullying escolar e cyberbullying, mostrando

o quanto apesar do cyberbullying não se tratar de uma agressão física, agride o psicológico e a moral da vítima, pois, quando um agressor posta em sites ou redes sociais algum tipo de foto, vídeo ou mensagem que difame a vítima, consegue expor esse conteúdo a uma gama de expectadores que podem reproduzir tal conteúdo de maneira que tal informação pode se alastrar infinitamente, o que causa por parte do sujeito exposto, uma humilhação tamanha perante a família e a sociedade pode levá-lo a depressão e em alguns casos até ao suicídio.

Nessa perspectiva, outros autores que também contribuíram para o aprofundamento do cyberbullying, foram Amado et al. (2009) com o artigo: Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação, que ressaltam como através das TIC's (tecnologias da informação e comunicação) esse fenômeno vem ganhando força a cada dia, e requer por parte de professores e comunidade escolar uma nova postura de enfrentamento, por se tratar de um desafio no qual, ações como limitar e vigiar o acesso dos alunos na internet, promover campanhas de conscientização e prevenção do cyberbullying se tornam essenciais para a superação do problema.

Diante do exposto, também cabe ressaltar a contribuição de Lemos (2007) que através do artigo: Uma visão psicopedagógica do bullying escolar, alerta como o professor deve estar atento aos atos de bullying que acontecem na escola de forma velada, e que causam psicologicamente à vítima consequências irreparáveis, além disso, a mesma contrapõe a importância da parceria entre escola e família no enfrentamento do fenômeno, ao enfatizar que mesmo sendo essencial tal parceria para que a família não queira agir sozinha sem a ajuda da escola, também é necessário que a mesma, não se acomode e deixe toda a responsabilidade para a escola; sendo assim, necessário que ambas as partes estejam cientes de que cada um deve fazer a sua parte nesse processo de enfrentamento e de criação de um ambiente de segurança e paz nas escolas.

E ainda, a contribuição de Antunes e Zuin (2008) com o artigo: Do bullying ao preconceito: o desafio da barbárie à educação, é o grande contraponto crítico que os autores fazem, ao argumentar que as práticas de enfrentamento ao bullying escolar se tornam contraditórias ao papel da escola de formação para a emancipação dos alunos, uma vez que o bullying seja um problema também de origem social, que se caracteriza como consequência da ideologia de diferenciação por mérito entre as pessoas (preconceito) presentes na nossa sociedade, e ao

combater o bullying imbuído de discursos meramente moralistas, estamos reforçando também, a passividade de adequação dos alunos diante dos comportamentos esperados para a manutenção do “status quo”; cabendo ao professor e toda a comunidade escolar repensar o processo de educação e projetos desenvolvidos no ambiente escolar.

Por fim, podemos encerrar a discussão comentando a contribuição de Laville e Dionne (1999), que com o livro de metodologia chamado: A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas, serviu de base para a metodologia do presente trabalho, que foi de pesquisa bibliográfica com análise qualitativa, metodologias estas que possuem indispensável função para qualquer trabalho acadêmico, ao se valer que toda teoria é reflexo de um estudo minucioso de determinada realidade por ter como critério de avaliação e aceitação os critérios científicos, e ainda, a análise qualitativa que se destaca por ser a indispensável interpretação do autor sobre o tema e objeto de estudo pesquisado.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho ao utilizar a metodologia de pesquisa bibliográfica, pôde constatar por meio das leituras e refletir que numa perspectiva de combate ao fenômeno comportamental do bullying escolar, o tema deve ser abordado sempre que possível no trabalho pedagógico docente, principalmente se o professor percebe em seus alunos nuances ou a confirmação desse tipo de comportamento.

E ainda, através da contribuição dos autores foi possível conhecer muitas práticas pedagógicas existentes no combate ao bullying, a exemplo, de ações como, trabalhar o tema na escola para gerar uma conscientização coletiva sobre o que é e como meio de incentivar os alunos a se reconhecerem como fazendo parte e pedirem ajuda aos professores e a família, por meio de palestras, cursos, grupos de apoio, projetos pedagógicos, encaminhamento ao conselho tutelar, psicólogo, dentre outros.

Nesse sentido, foi possível também perceber que ações (além da escola) a família também pode fazer para identificar, prevenir e intervir no envolvimento de um aluno com o bullying escolar como principalmente estar presente na vida do mesmo, ao ponto de estabelecer um diálogo com a criança e ou o adolescente para criar um vínculo de confiança em que o mesmo se sinta a vontade de conversar e

expor se estiver envolvido com o fenômeno; além disso, a família deve manter contato com a escola, para que juntas possam traçar informações e desenvolver estratégias de como lidar com as situações que surgirem na vida escolar do discente.

Por fim, uma das maiores contribuições, do presente trabalho, foi conseguir identificar algumas, das possíveis causas e consequências que o *bullying* escolar causa no processo de ensino-aprendizagem e formação psicossocial dos discentes, tal conhecimento, serve de base para a prática docente e o desenvolvimento de projetos e ações no combate ao fenômeno.

Finalizando, cabe ressaltar que o bullying escolar é um fenômeno complexo que engloba várias áreas do conhecimento científico, como a sociologia, filosofia, psicologia, saúde, e principalmente a pedagogia, valendo aqui afirmar que o presente trabalho, não conseguiu atingir todos os conhecimentos possíveis a respeito do tema, e que para uma compreensão mais significativa e profunda do assunto, o leitor do presente trabalho deve buscar outras produções que também tratam da temática proposta, a saber, o bullying escolar; e que diante deste fenômeno tão cruel para os envolvidos, e que tem origem por meios de um conjunto de fatores tão diversos, a profissão do pedagogo se faz importante, porque por meio do mesmo, o combate ao bullying incluindo sua identificação, prevenção, e intervenção pode ter um ponto de partida, bem como, a mudança da história de vida de vários alunos que precisam e merecem ajuda o quanto antes, contra esse mal.

REFERÊNCIAS

AMADO, João. et al. Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. Portugal: **Revista Interacções**, nº 13, p. 301-326, Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/download/409/363/0>>, acessado em: 25/03/2019.

ANTUNES, Deborah Christina. ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: o desafio da barbárie à educação. São Paulo: **Revista Psicologia e Sociedade**, vol.20, nº 1, p. 33-41, Universidade federal de São Carlos, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822008000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acessado em: 24/03/2019.

BOTELHO, Rafael Guimarães. SOUZA, José Maurício Capinussú de. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de

intervenção. Espanha: **Revista de educação física**, nº 139, p. 58-70, Universidade autônoma de Barcelona, 2007. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/bullying-educacao-fisica-escola-caracteristicas-casos-consequencias-estrategias-intervencao.pdf>, acessado em: 25/03/2019.

CAMARGO, Carolina Giovanni. **“Brincadeiras” que fazem chorar!** introdução ao fenômeno Bullying. 2. ed. São Paulo: All Print Editora, 2009.

COUTO, Maria Aparecida Souza. **Violência e gênero no cotidiano escolar**. 2. ed. Sergipe: UFS, 2012.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005.

FIEDLER, Augusto J. C. B. Prado. O desenvolvimento psicossocial na perspectiva de Erik H. Erikson: as “oito idades do homem”. São Paulo: **Revista educação**, vol. 11, nº1, p. 78-85, Universidade UNG, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/ANDR%C3%89/Downloads/2265-7775-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ANDR%C3%89/Downloads/2265-7775-1-PB%20(1).pdf), acessado em: 06/12/2019.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas** / Christian Laville e Jean Dionne; tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEMOS, Anna Carolina Mendonça. Uma visão psicopedagógica do bullying escolar. Brasília: **Revista Psicopedagogia**, vol. 24, nº 73, p. 68-75, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862007000100009, acessado em: 25/03/2019.

MATOS, Margarida Gaspar de. GONÇALVES, Sónia M. Pedroso. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, Saúde e Doenças**, vol. 10, nº 1, p. 3-15, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262708721_Bullying_nas_Escolas_Comportamentos_e_Percepcoes, acessado em 26/03/2019.

MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira. PASINI, Audri Inês. LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. Rio Grande do Sul: **Revista Psicologia: teoria e pratica**, vol. 15, nº 2, p. 203-215, Universidade Feevale, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872013000200016, acessado em: 25/03/2019.

MIDDELTON - MOZ, Jane. ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NETO, Arames Antônio Lopes. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: **Jornal de Pediatria** vol. 81, nº 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>, acessado em 24/03/2019.

SANTOS, Andréia Mendes dos. GROSSI, Patricia Krieger. Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. Porto Alegre: **Revista Textos & Contextos**, vol. 7, nº 2, p. 286-301, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/4827/3633>, acessado em: 24/03/2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WENDT, Guilherme Welter. CAMPOS, Débora Martins de. LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. Rio Grande do Sul: **Cadernos de Psicopedagogia**, vol. 8, nº 14, p. 41-52, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1676-10492010000100004&lng=pt&nrm=iso, acessado em 26/03/2019.

WENDT, Guilherme Welter. LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. Porto Alegre: **Temas em Psicologia**, vol. 22, nº 1, p. 39-54, Universidade católica do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9032/2/Compreendendo_o_fenomeno_do_cyberbullying.pdf, acessado em: 26/03/2019.

Eu, ANDRE DE SOUZA SILVA,
 acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA,
 orientada pela Prof. (a) e Dr. (a)
MARIA AUXILIADORA SANTOS, declaro para os devidos fins
 que o Trabalho de Conclusão de Curso:
BULLYING E O AMBIENTE ESCOLAR

atende às
 normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento
 para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem
 e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a
 Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral
 – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena –
 detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º
 e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com
 intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização
 expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1
 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende,
 expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou
 tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual,
 (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º
 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre
 direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no
 Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 02 / 12 / 2019.

Andre de Souza Silva

Assinatura do aluno concluinte